

MATERNIDADE, DOCÊNCIA E COVID-19: UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE AS REPERCUSSÕES DA PANDEMIA NA VIDA DE DOCENTES UNIVERSITÁRIAS.

Kassia Mota de Sousa – Universidade Federal de Campina Grande
Juliana Silva Santana – Universidade Federal do Ceará
Daiane Pereira Soares- Universidade Federal de Campina Grande
Joselha Marculino de Lima - Universidade Federal de Campina Grande
Kethley Horranna Bezerra Rolim - Universidade Federal de Campina Grande
Larissa Lira da Silva - Universidade Federal de Campina Grande

Palavras-chave: Ensino Superior, Gênero, Maternidade, Pandemia.

Introdução

O texto em tela apresenta as primeiras incursões empíricas da pesquisa “Trabalho docente e trabalho parental durante a pandemia da COVID-19: repercussões da pandemia no contexto de trabalho de docentes mães” que tem como objetivo compreender as condições de vida, trabalho e de produção intelectual de mulheres, mães, docentes do Ensino Superior Federal de instituições localizadas no Nordeste brasileiro, que estiveram ou estão em confinamento doméstico decorrente da pandemia da COVID-19.

A desigualdade de gênero como elemento estrutural da sociedade determina desvantagens para as mulheres em diversos setores da vida social como: educação, mercado de trabalho, participação política, saúde, entre outros. No Brasil, no território doméstico e no convívio familiar, as desigualdades são reproduzidas e atualizadas. Nesse sentido é que se faz necessário compreender os processos vivenciados pelas mulheres no Brasil, atentando para as distinções produzidas pelos recortes de classe, raça e regionais.

As mulheres são as principais responsáveis pelas atividades ligadas aos cuidados domésticos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) [1], no Brasil, em 2016, as mulheres dedicaram-se aos cuidados de pessoas e/ou atividades domésticas cerca de 73% a mais de horas do que os homens. Se os números

já escancaram aspectos massacrantes da vida cotidiana para as mulheres em geral, quando analisamos essa realidade sob o foco da região, da classe social e da raça, eles são ainda mais contundentes.

A pandemia provocada pelo novo Coronavírus alterou significativamente os contextos de trabalho. O enfrentamento desta emergência de saúde, dada a ineficácia governamental na compra de vacinas, está baseado na medida de isolamento social, que mudou de forma enfática o cotidiano das famílias brasileiras, escancarado fragilidades, vulnerabilidades, tensões, que em nossa compreensão derivam das bases estruturais de nossa sociedade, ancoradas no patriarcalismo, na misoginia, no racismo, incidindo de forma mais drástica nas mulheres devido às desigualdades de gênero já existentes.

No espaço doméstico, que agora tornou-se o centro do mundo, são as mulheres as principais responsáveis pela limpeza da casa, compras, cozinhar e cuidar das crianças e, embora algumas mulheres possam contar com a “ajuda” dos seus companheiros, que também estão em trabalho remoto, é sobre elas que recai a obrigação de organizar os processos que ocorrem dentro dos lares. Essa organização causa estresse e ansiedade, ou seja, a pandemia atualizou o termo “parede materna” que se refere às discriminações, às dificuldades enfrentadas pelas mães que trabalham. Através do trabalho remoto, vimos uma mudança importante: o trabalho invadindo o contexto do lar, sobrepondo-se ao trabalho doméstico e modificando as rotinas de famílias e as perspectivas profissionais de mulheres.

Ainda nesse contexto, o fechamento das universidades, escolas e creches, aumenta a quantidade de tempo gasta em assistência e supervisão de crianças, amplia as atividades domésticas num momento onde as mulheres perderam suas redes de apoios, composta por familiares, tios/as, avós, e/ou empregadas domésticas, que também cumprem a política de isolamento social, confinados em seus lares.

Desassistidas do ponto de vista de políticas institucionais que as ampare nesse contexto pandêmico, as docentes federais tiveram como única alternativa para prosseguimento de suas atividades, a realização em formato “*home-office*”. No trabalho remoto, tiveram suas rotinas modificadas e as assimetrias de gênero ampliaram-se; o trabalho laboral se sobrepôs ao trabalho doméstico e cuidados das crianças no universo da casa.

Inquietas diante desse contexto, estamos desenvolvendo duas pesquisas concomitantemente: a primeira, mais ampla, que se propõe a visibilizar essas rotinas e processos que estão ou estiveram circunscritos ao espaço doméstico durante a pandemia

e compreender as repercussões dos mesmos nas carreiras profissionais de mulheres docentes, a partir da escuta de suas narrativas e da análise de seus currículos lattes, aferindo as atividades acadêmicas, registradas na plataforma no período de Março de 2020 a Julho de 2021, e esta, num olhar mais específico, onde objetivamos realizar um mapeamento das produções científicas sobre parentalidade, docência e COVID-19, a fim da construção de uma revisão da literatura, com tripla ressonância na pesquisa matriz: 1. a constituição de um referencial teórico e 2. a busca por pesquisadoras que discutam a temática da parentalidade na universidade, para a constituição de redes de pesquisa e 3. a identificação de possíveis voluntárias para realização da pesquisa matriz.

Referencial teórico

Teoricamente apoiamo-nos na produção situada no campo dos estudos do feminismo decolonial. Essa teoria surge do encontro das teorias pós-colonialistas e o feminismo, em meados do século XX, por volta de 1980, buscando compreender a colonialidade, a noção da construção de raça e as formações eurocêntricas-patriarcais para a experiência das mulheres, a partir da produção intelectual das chicanas, africanas, das feministas latino-americanas, feministas do Sul, rompendo assim, com a marca fundante do feminismo global, que apoiado no universalismo, indica o patriarcado, como experiência opressora comum a todas as mulheres, desconsiderando as questões de raça, classe, sexualidade, nacionalidade (MENDONZA, 2014, apud BALESTRIN, 2017) [2].

Neste trabalho em específico, realizamos o levantamento de produções científicas dentro desta temática. O recorte justifica-se pelo interesse da pesquisa em mapear ações, pesquisas, pesquisadoras, políticas sobre e para a maternidade e universidade.

A partir deste levantamento torna-se possível acessar a uma produção marcada pelo gênero e atravessada pelas questões impostas às mulheres, que ecoam as questões subjetivas e estruturais trazidas pela pandemia da COVID-19 às acadêmicas brasileiras, organizando assim, um acervo importante produzido por mulheres acerca das questões a nós intrínsecas e um repertório importante para sistematização do campo dos estudos do feminismo decolonial no Brasil.

Métodos

Este artigo objetiva realizar um mapeamento das produções científicas sobre parentalidade, docência e COVID-19, a fim da construção de uma revisão da literatura. Ao relacionar esses estudos científicos buscamos compreender os impactos da pandemia na vida das docentes mães trabalhadoras do ensino superior.

A partir da exploração da temática em questão, tornamos público o levantamento dos trabalhos ao mesmo tempo em que as pesquisadoras ganham maior familiaridade com o objeto de estudo.

No tocante aos procedimentos/tipos, o presente artigo caracteriza-se por ser bibliográfico, buscando desenvolver as discussões, reflexões e análises a partir de materiais já publicados e divulgados. Oliveira (2016) citado por Silva (2021) [3], nos diz que a principal finalidade da pesquisa bibliográfica é levar o(a) pesquisador(a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo.

Neste sentido, realizamos um esforço de análise, através do uso do método da revisão sistemática de literatura – RSL, que conforme Biolchini et al. (2005) [4], “é definida como uma metodologia específica da pesquisa, que tem como foco encontrar trabalhos publicados sobre determinado assunto, seguindo etapas definidas e mantendo rigor científico, para que outros pesquisadores possam reproduzir a pesquisa de maneira mais próxima possível”.

Sendo assim, realizamos um levantamento de estudos já publicados nos últimos dois anos (2020-2021) sobre a temática em tela. Os textos foram procurados em repositórios científicos que integram um grande número de documentos, que possuem um processo de avaliação por pares, diversidade de fontes, mapeamento de diferentes linhas de pesquisa. Buscamos trabalhos produzidos nos últimos dois anos, ou seja, após o decreto da pandemia.

Resultados:

A definição da periodicidade pesquisada produziu os achados, na medida que a inexistência de teses e dissertações no portal BDTD, por exemplo, se refere ao fato de que os prazos de mestrados e doutorados seriam insuficientes para a produção de pesquisas na temática, haja vista a pandemia da COVID-19 ter sido deflagrada em 2020.

Assim, neste tópico, apresentamos de forma breve, os primeiros achados de nossa revisão. Realizamos a leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves dos trabalhos e, a partir desse levantamento, tecemos algumas análises.

Quadro 1: Visão Geral dos resultados encontrados nas bases de dados

Bases de dados	Descritores utilizados	Achados (números/quantitativo)
Google Acadêmico	"parentalidade" and "maternidade" and "Universidade" and "pandemia" and "gênero" and "docência"	8
Scielo	"parentalidade" and "maternidade" and "Universidade" and "pandemia" and "gênero" and "docência"	1
BDTD	"parentalidade" and "maternidade" and "Universidade" and "pandemia" and "gênero" and "docência"	0
Capes	"parentalidade" and "maternidade" and "Universidade" and "pandemia" and "gênero" and "docência"	0

Fonte: elaborado pelas autoras

A partir do cruzamento de descritores nas bases de dados supracitadas no Quadro 1, percebemos que ainda não são expressivos quantitativamente os números de trabalhos sobre a temática, totalizando nove pesquisas. No entanto, há de se considerar uma produção ampla sobre a temática não produzida dentro do formato acadêmico. São publicações em revistas não científicas, em veículos jornalísticos, sites, redes sociais... Ainda que não tenhamos realizado o estudo sistemático dessa produção, inferimos que a grande quantidade de estudos e pesquisas circulando fora dos espaço institucionais acadêmicos pode ser compreendida como mais uma faceta do que chamamos de “parede materna”.

Uma pesquisa realizada pela Parent in Science (2021) [5], apresenta resultados que sugerem a necessidade da discussão sobre gênero, raça e maternidade como fatores contribuintes para a sub-representação feminina na ciência. Ao se debruçar sobre a questão da publicação científica durante a pandemia, a pesquisa levanta que “especialmente para submissões de artigos, mulheres negras (com ou sem filhos) e mulheres brancas com filhos (principalmente com idade até 12 anos) foram os grupos cuja produtividade acadêmica foi mais afetada pela pandemia, enquanto a produtividade

acadêmica de homens, especialmente os sem filhos, foi a menos afetada pela pandemia”.

Motivadas por compreender mais esse cenário, sistematizamos os trabalhos encontrados num novo quadro, apresentado a seguir, onde expusemos os títulos das pesquisas e o gênero de sua autoria.

Quadro 2 – Quanto o gênero do(a)s autore(a)s

Título do trabalho	Ano	Autoria
A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de COVID-19.	2020	Feminina
“Minha mãe e Eu”: Mulheres, Professoras e trocas educacionais em tempos de distanciamento social.	2020	Feminina
MaternAtiva: pensando um Campus para mães e crianças através das ações afirmativas e das redes de apoio.	2020	Feminina
Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos.	2020	Feminina
Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica.	2020	Feminina
O impacto subjetivo da pressão psicológica institucional no cotidiano de professoras-mães durante o isolamento social.	2021	Masculina
Os efeitos da pandemia de COVID- 19 sobre o trabalho das professoras pesquisadoras de Relações Internacionais.	2021	Feminina
Casa, maternidade e trabalho no distanciamento social: A “pandemia” da sobrecarga de trabalho para as mulheres.	2021	Feminina
O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da COVID-19: mudanças e permanências.	2021	Feminina

Fonte: elaborado pelas autoras

Como nosso foco de pesquisa está exclusivamente nos textos de autoria feminina, o trabalho “O impacto subjetivo da pressão psicológica institucional no cotidiano de professoras-mães durante o isolamento social” será excluído de nossas análises dada a autoria masculina, embora nos interesse devido à temática abordada.

A partir desses dados apresentados no Quadro 2, observa-se que a temática em questão é abordada majoritariamente por mulheres, levando-nos a refletir mais uma vez sobre as marcas do machismo, do patriarcado e de tantas outras formas de opressão sobrepostas às realidades das mães docentes do ensino Superior, que fazem com que uma temática tão urgente e relevante socialmente ainda seja alvo e inquietação de um gênero em específico: o feminino. Tais trabalhos são, portanto, pesquisa, denúncia e resistência.

Esses trabalhos versam, sobretudo, sobre a difícil tarefa de maternar em concomitância às atividades acadêmicas, laborais e domésticas. Mesmo atuando em diferentes áreas do conhecimento, o que se constata é que essas mulheres, mães e acadêmicas encontram-se, ainda que isoladas, quando falam de suas experiências (reais e/ou de pesquisadoras) durante a pandemia, mostrando que apesar das desigualdades de gênero, classe e raça, todas elas enfrentam barreiras ao desempenho saudável de suas funções. Suas vivências reverberam-se enquanto escrita feminista decolonial ao partir de suas realidades, enquanto sujeitos políticos, repercutindo nas questões estruturais da sociedade.

É válido destacar, entretanto, que nesse “encontro”, mulheres negras e pobres são mais acometidas pela avalanche de demandas. Dados divulgados pelo IBGE (2020) indicam que a maior desigualdade na distribuição de horas dedicadas às atividades domésticas está na Região Nordeste, onde as mulheres dedicam cerca de 80% a mais de horas do que os homens. O recorte por cor ou raça indica que as mulheres pretas ou pardas são as que mais se dedicam aos cuidados de pessoas e/ou aos afazeres domésticos, com o registro de 18,6 horas semanais em 2016.

Por esses motivos, interessou-nos mapear de onde as pesquisas encontradas na nossa revisão da literatura estão sendo escritas, a partir de qual(is) realidade(s). Os dados mapeados na Imagem 1 revelam que, a partir dos descritores utilizados, 29% das produções foram realizadas por mulheres nordestinas. Também aparecem no mapa autoras das regiões Sudeste (50%) e Centro-oeste (21%).

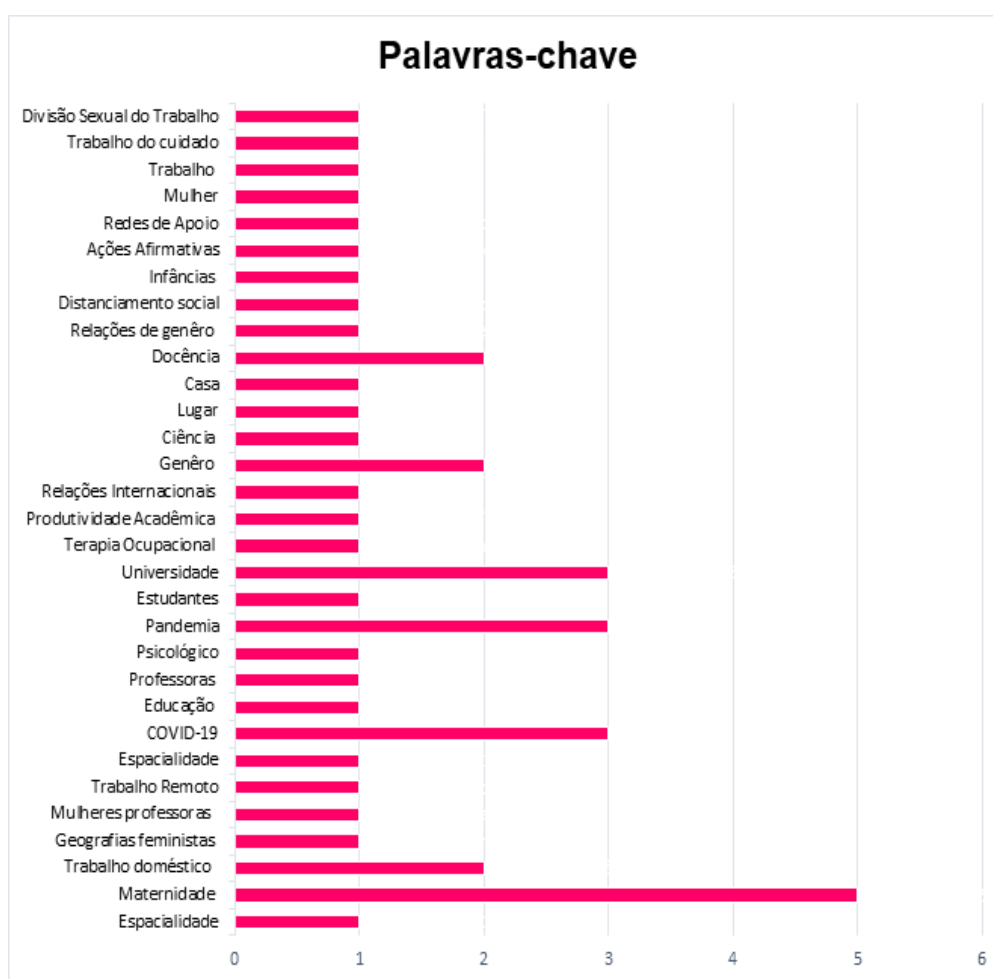
Imagem 1 – Quanto à localização geográfica dos trabalhos/autoras.



Fonte: elaborado pelas autoras

O último exercício de análise feito nesta pesquisa foi identificar as palavras-chave das produções. No gráfico 1, as palavras “Docência”, “Gênero”, “Universidade”, “Pandemia”, “COVID-19”, “trabalho doméstico” e “maternidade”, apareceram com mais incidência, sendo essa última a mais representativa nesses trabalhos.

Gráfico 1 – Quanto às palavras chaves das produções.



Fonte: elaborado pelas autoras

Conclusões:

Ao concluirmos, momentaneamente, esse exercício de revisão da literatura, consideramos que as pesquisas sobre parentalidade, docência e COVID-19 realizadas nos anos de 2020-2021 apontam as inúmeras dificuldades enfrentadas por mulheres, mães, professoras do ensino Superior em desenvolver as múltiplas atividades que lhes são impostas, sobretudo, pela exigência da concomitância, onde todas as demandas parecem urgentes e demasiado importantes, desconsiderando o aspecto humano dessas mulheres.

Identificamos, ainda, que são as mulheres que tratam da temática em tela. Dos nove trabalhos mapeados a partir dos descritores escolhidos, oito eram de autoria feminina. Em exercício de escrita decolonial, essas mulheres falaram sobre si, sobre

suas vivências individuais, ao mesmo tempo em que traduziram uma realidade coletiva, visto que as demandas sobrepostas às mães são comuns em diferentes realidades, regiões, profissões.

A revisão ajudou-nos, portanto, a compreender melhor o contexto pesquisado, indicando-nos questões de reflexão e análise, ao passo em que também nos deu indicativos para a construção de redes de pesquisa para a realização do estudo matriz.

Referências bibliográficas:

[1] IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro. N. 38, 2018. Versão on-line disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br> Acesso em: 14 nov. 2021.

[2] BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. **Feminismos Subalternos**. Rev. Estud. Fem. [online]. 2017, vol.25, n.3, pp.1035-1054. ISSN 0104-026X.

[3] SILVA, Érica Dantas. Estratégias de avaliação da aprendizagem no ensino superior em contexto pandêmico: uma revisão sistemática da literatura. Trabalho final de conclusão de curso em Especialização Docente. UFCG, Cajazeiras, 2021.

[4] Biolchini, J., Mian, P. G., Natali, A. C. C., and Travassos, G. H. Systematic review in software engineering. Technical report, RT– ES 679/05 System Engineering and Computer Science Dept., COOPE/UFRJ. 2005

[5] PARENT IN SCIENSE. Produtividade Acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade. Disponível em < https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true>, acesso em 20 de junho de 2021.

Agradecimentos/financiamento: Ao apoio financeiro para o desenvolvimento deste trabalho, oferecido pelo órgão de fomento: FAPESQ -Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba, através da concessão de uma bolsa de Iniciação Científica para uma das seis acadêmicas que compõem a autoria deste trabalho.